

O Santuário de Terena

I

A Senhora da Boa Nova

O *Archeologo Português*, VIII, 77, dá uma noticia summaria d'este templo, extractada da *Memoria Parochial de 1758*. O antigo templo da Senhora da Boa Nova, especial Patrona da villa de Terena, está situado numa planicie, no meio de um montado, no local em que se diz ter sido primitivamente o da villa de Terena, nas proximidades da margem esquerda da ribeira do Luçafece, a 1:500 metros da villa actual, com a qual se liga por uma boa estrada.

Este templo tem a fôrma de um forte castello de alvenaria com cunhaes de cantaria, fortalecidos por contrafortes tambem de cantaria,



Boa Nova (segundo uma photographia do Sr. Major Meirelles)

coroado de ameias, com seteiras. A sua fôrma interior é a de cruz. Tem tres portas: duas lateraes e uma central voltada para o occidente. Ás portas correspondem superiormente umas construcções, salientes e em falso, dotadas de seteiras horizontaes (*machicoulis*), destinadas a defesa das entradas; as abobadas dos tectos são tambem dotadas de aberturas, que podem ou poderiam funcionar como *machicoulis*, em caso de necessidade.

Na capella-mór está, á esquerda, uma pequena casa, que faz parte da construcção e serve de sacristia, e á direita está a entrada para uma escada de caracol, que põe o interior da igreja em communicação com a parte superior da construcção.

Na fachada principal se acham as armas reaes, com quinze castellos, e com os cinco escudos, sendo os transversaes deitados ou horizontaes.

A igreja tem, medida exteriormente, 23^m,55 de comprimento por 22^m,55 de largura. Alem do altar-mór tem dois altares—um dedicado a S.^{ta} Catharina e outro a S. Brás, que para ali foram mudados de algum outro templo, quando esta igreja servia de matriz. As paredes são guarnecidas de pinturas feitas modernamente, talvez em substituição de outras que ali houvessem existido. No alto das paredes lateraes da capella-mór acham-se representados os nossos oito primeiros monarchas, cujos quadros foram restaurados por um curioso. O fundo da capella-mór tem a parede forrada de quadros de pintura em madeira. Aos lados da escada que dá accesso para o altar-mór ha dois tocheiros de marmore, de pequena altura, que tem cada um o seu cirio, de 20 centimetros de diametro, protegido por um envolvero de latão; os cirios denotam grande antiguidade e parece que nunca se accendem.



Boa Nova (segundo uma photographia do Sr. Major Meirelles)

O envolvero de lata é para a conservação dos cirios, pois os devotos arrancavam pedaços de cera, como reliquia.

A tradição, unica fonte onde se póde colher qualquer informação a respeito d'esta igreja, diz-nos que ella foi mandada edificar pela rainha D. Maria, mulher de D. Affonso XI, rei de Castella, e filha de D. Affonso IV, depois da batalha do Salado, em cumprimento do voto que fizera na occasião em que, retirando-se para Castella, naquelle logar recebera a boa nova de que o pae iria soccorrer o marido, conforme lhe viera pedir ¹.

¹ Veja-se *Sanctuario Mariano*, tomo VI; *Portugal antigo e moderno*, por Pinho Leal; *O Panorama*, vol. IX; Pinheiro Chagas, *Diccionario*; *Lusiadas*, canto III.

Na parede exterior do templo (lado direito), e ao lado do altar-mór, existem encravadas duas pedras com inscripções que devem ter vindo do templo pagão do deus Endovelico ¹.

Esta igreja está bem conservada, tem rendimentos proprios, e está aos cuidados de uma *ermitoa*, do parochó da freguesia e de uma junta que administra a sua fazenda.

Annualmente ha uma festa que dura dois dias e que é muito concorrida, á qual costumavam outrora assistir tambem os Serenissimos Duques de Bragança, quando se achavam em Villa Viçosa.

CAETANO DA CAMARA MANOEL.

II

Santa Maria de Terena no seculo XIII

A actual igreja da Senhora da Boa-Nova, que data do sec. XIV ², deve ter substituido um santuario mais antigo, pois nas *Cantigas gallegas* de D. Affonso X, o Sabio, rei de Castella e Leão (1252-1284), publicadas em 2 volumes, Madrid 1889, celebram-se já milagres operados por *Santa Maria de Terena* ³: vid. vol. II, pp. 279, 280, 281, 296, 312, 317, 385, 395, 443, 463 e 464, onde as respectivas cantigas tem os n.ºs 197, 198, 199, 213, 224, 228, 275, 283, 319, 333 e 334.

O rei Sabio falla expressamente do santuario, por ex. a p. 296:

E de tal razon a Uirgen
fez milagre connoçudo
NA EIGREIA DE TERENA. . .

Tomando o continente pelo contido, isto é *Terena* pelo santuario, diz a p. 385:

. . . . Terena.
que logar este ⁴ de mui gran deuoçon.

¹ Veja-se Leite de Vasconcellos, *Religiões da Lusitania*, vol. II, pp. 112 e 122.

² Vid. G. Pereira in *Revista Archeologica*, III, 148, onde publica uma noticia da igreja da Boa-Nova.

³ Assim é que diz o rei. Tambem nos *Costumes de Terena* do sec. XIII, publicados por Gabriel Pereira nos *Documentos historicos da cidade de Evora*, vol. I, p. 30, se diz «concelho de *Santa Maria de Terena*». Ainda em 1635, na *Relação do bispado de Elvas*, fl. 34, diz o Dr. Antonio Gonçalves de Novaes: «igreja de *Nossa Senhora de Terena*». — A designação de *Boa-Nova* parece ser mais recente, o que combina com a tradição da fundação do santuario, mencionada pelo Sr. Dr. Camara Manoel.

⁴ Aqui *este* significa «é». Cf. os meus *Estudos de Philologia Mirandesa*, I, 255, onde citei outro exemplo de *este*, — do *Cancioneiro da Ajuda* (v. 15).

Ha outros versos no mesmo sentido, que omitto por brevidade.

A situação do santuario é indicada de modo geral nos seguintes versos de p. 312:

en riba d'Aguadiãna¹
 á un logar muit' onrado
 et TERENA chaman y,
 logar mui santaficado²
 ú muitos miragres faz
 a Virgen santa et pura³

e nos seguintes de p. 443:

Riba d'Odiãna' á
 hũa ssa eigreja
 d'esta Uirgen santa
 que bẽeita seia,
 que chaman TEREN' e...

Em ambos estes passos a palavra *riba* «margem» tem significação bastante lata, pois o santuario fica ainda um tanto afastado do rio. A situação exacta do santuario é indicada nestes versos de p. 298:

D'un rio que per y corre,
 de que seu nome non digo...

¹ Tanto se pôde entender *d'Aguadiana*, como *da Guadiana*, pois o povo diz no Alemtejo «a ribeira da Guadiana» (e *da Gudiana*), precedendo de artigo o nome do rio; e em documentos antigos encontrei *Agoa Dianna*. Vid. *Revista Lusitana*, vi, 46-47. (O povo tem tendencia para fazer começar por *Agua*- certos nomes proprios que começam por *Gua*:- cf. *Aguadelupes* = *Guadalupe*, na *Tradição*, i, 50).— Outra fôrma do nome do rio empregada pelo rei Sabio, como veremos mais adiante, é *Odiana*. D'estas duas, a primeira é originariamente hespanhola, a segunda genuinamente portuguesa. Como o rio é em grande parte raiano, não admira esta duplicidade de fôrmas.

² No texto lê-se *sant'aficado*, e o editor hespanhol interpretou (vid. vol. II, 617, Glossario) *aficado* por «firme», «seguro», «empenhado», «tenaz». Mas esta interpretação não faz sentido; além d'isso esperar-se-hia a conjuncção e entre os dois adjectivos. Portanto, apesar de noutros logares das *Cantigas* se ler *santivigar* (vid. Glossario, s. v.), aqui tem de se admittir *santaficado*, *santeficado*, *santoficado* ou *santificado*. Esta correção é confirmada pelo que se lê na p. 395: El-rei, falando de Terena, chama-lhe *santo logar*.

³ Este verso é addição minha, pois falta no original. Não ha dúvida que elle terminava em *-ura*, como se vê das estrophes seguintes (os versos finaes das estrophes d'esta poesia terminam todos assim). Não ha dúvida tambem que o sujeito de *faz* é *Virgen*, como se vê dos passos similares. Portanto proponho a *Virgen santa et pura*, que se lê tambem, assim mesmo, a p. 419; cf. *santa et pura* (porém sem a palavra *Virgen*) a p. 330, e *Virgen pura* (porém sem a palavra *santa*) a p. 280, 354, 432, 473, etc.

onde ha manifesta allusão ao vizinho ribeiro de Luçafece¹. A p. 385 diz o poeta:

a TERENA, que iaz en meo d'un ual...

mas aqui a indicação não corresponda á realidade, pois o templo está situado numa planicie. Que o rei teve conhecimento directo ou indirecto do local, não ha duvida. Os dois versos de cima o provam. Tambem elle, a p. 298, cita uma particularidade, que só pôde provir d'aquelle conhecimento:

ca ázcuna² chantou toda
per hũa grand' azinheira...

A palavra azinheira applica-se a uma arvore muito commum no sitio.

Os milagres cantados por D. Affonso X são numerosos e de diversa especie: resurreição de mortos, pacificação de bulhentos, libertação de innocentes e cura de doenças, tanto de homens como de animaes³. Os peregrinos vinham de longe, de Elvas, de Beja, da Hespanha...

O rei tambem não se esquece de se referir ás festas da Virgem. A p. 281 menciona a romaria de Março, em uma poesia que tem este cabeçalho: «Como un peliteiro que non guardava as festas de Santa Maria et começou a laurar *no seu dia de Março*, et traoussou-sse-lle a agulla na garganta, que a non podia deitar; e foi a Santa Maria de Terena et foi logo guarido». A p. 395 menciona a romaria de

¹ Pena foi que o rei não dissesse o nome d'este ribeiro, pois poderíamos assim conhecêr algumas das fórmas antigas d'elle.

² O texto tem *azcuna*; que não sei se é erro typographico por *azcona*, que se lê noutro passo, e que é a unica fórma archivada no Glossario final. Todavia, se *azcona* é tambem palavra hespanhola, *azcuna* é fórma conhecida dos nossos lexicographos (por ex. de Jeronymo Cardoso, *Dict. Lusitanico-Latinum*, fl. 14, o qual a traduz pelo lat. *hastile*, isto é «dardo», etc.); por isso, na impossibilidade de consultar agora o ms. original, conservei o texto gallego. Apenas escrevi *ázcuna*, com coronis, para indicar que corresponde a *azcuna*, pois que o editor das *Cantigas* suppôs inexactamente que era o substantivo simples, sem artigo. Outr'ora deixava muitas vezes de se representar o artigo em casos semelhantes, mas hoje, quando publicamos textos antigos, devemos assinalar esta fusão ou crase, como o Sr. Epifanio Dias já fez na sua optima edição do *Esmeraldo* de Pacheco Pereira (Lisboa 1905: vid. p. 11).

³ Hoje a Senhora da Boa-Nova continúa a fazer pouco mais ou menos o mesmo. Tanto o Sr. G. Pereira na *Revista Archeologica*, III, 148, como eu na *Revista Lusitana*, II, 29, nos referimos aos ex-votos ou *retábalos* que abundam na igreja, commemorativos de milagres em que as almas simples ainda acreditam, como na idade-media.

Agosto nestes versos postos por elle na boca de um clérigo de longe, que prohibe os seus fregueses de sairem da propria parochia para irem em peregrinação a Terena:

Et se per uentura auén
 que en esta festa que uen,
 d'Agosto, per uosso mal sen
 fordes y per nehúa ren,
 escomungar-nos-ei porén.
 Et ú él esto dizer queria
 torceu-xe-ll'a boca...¹

A grande importancia do culto da Virgem de Terena, tanto nos tempos medieuaes como nos modernos, não nos deve causar estranheza, porque toda aquella região, —Redondo, Bencatel, Alandroal, Terena—, era sagrada desde remotas eras.

Não longe de Terena, no monte de S. Miguel da Mota, erguia-se o santuario do deus lusitano *Endovellicus*, um dos mais célebres da antiguidade (em paises barbaros), a julgar da variedade dos ex-votos que ahi se tem descoberto, e que eu estudei nas *Religiões da Lusitania*, II, 111 sqq. Em Bencatel tinham seu culto, na epoca lusitano-romana, os deuses *Fontanus* e *Fontana*, segundo consta de uma inscripção publicada no *Corp. Inscr. Lat.*, II, 150. Perto do Redondo fica a *Fonte Santa*, muito venerada dos fieis, e ao pé do Alandroal houve tambem uma *Fonte Santa*, actualmente porém sem culto, conservando-se apenas o nome; a designação de *Fonte Santa*, com quanto se refira a cultos christãos, ascende a cultos pre-christãos.

As ideias religiosas tem sempre grande tenacidade. Na implantação do Christianismo não se apagaram completamente as antigas crenças: umas continuaram a existir como superstições; outras christianizaram-se. O culto da Senhora de Terena ou da Boa Nova pertence certamente á ultima classe, posto que eu não creia que elle provenha directamente do de *Endovellicus*: o herdeiro directo de *Endovellicus* foi S. Miguel da Mota²; o culto da Virgem deve neste caso ter como protótypo o de uma divindade pagã, que, como tantissimas outras vezes acontece, não sabemos qual era, mas que nem por isso é menos reconhecivel na sua feição geral.

J. L. DE V.

¹ Actualmente na Boa-Nova ha uma só festa por anno, a qual se realiza no primeiro domingo depois do de Pascoa. O povo canta por essa occasião varias canções devotas, de que publiquei tres na *Revista Lusitana*, IV, 236.

² Vid. *Religiões da Lusitania*, II, 146.